



FENOMENOLOGIA(S) DA PAISAGEM: UMA DESCRIÇÃO SITUACIONAL ONTOLÓGICA

Igor de Jesus Santos¹

RESUMO

A presente narrativa evidência uma descrição do conceito e/ou categoria paisagem à *la* Fenomenologia da Percepção em Merleau-Ponty. Para tanto, busca discutir como a abordagem fenomenológica contribui para construir novas bases teórico-metodológicas na análise do conceito e/ou categoria paisagem. A tônica parte de uma experiência vivida na disciplina Fenomenologia(s) da Paisagem, no curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (POSGEO/UFBA), como proposição de um exercício, em situação, do sujeito-corpo-pesquisador. Nesse sentido, enveredado pelo pensamento e abertura do filósofo Maurice Merleau-Ponty, a descrição seguinte, recorre à problemática do corpo próprio, corporeidade e percepção primária, como modo de compreender a paisagem no sentido existencial. Recorre ao aqui e agora do sujeito, fundamental para o desenterrar da paisagem, entre memoriais afetivas, experiências e vivências no visível-invisível da totalidade espacial.

Palavras-chave: Paisagem, Fenomenologia, Situação, Percepção, Cotidianidade.

RESUMEN

La presente narración destaca una descripción del concepto y/o categoría paisaje a la manera de la Fenomenología de la Percepción de Merleau-Ponty. Para ello, se pretende discutir cómo el enfoque fenomenológico contribuye a construir nuevas bases teóricas y metodológicas en el análisis del concepto y/o categoría paisaje. El énfasis se basa en una experiencia vivida en el curso Fenomenología(s) del Paisaje, en el Curso de Postgrado en Geografía de la Universidad Federal de Bahía (POSGEO/UFBA), como propuesta de un ejercicio, en situación, del sujeto-cuerpo-investigador. En este sentido, guiados por el pensamiento y la apertura del filósofo Maurice Merleau-Ponty, la siguiente descripción recurre a la problemática del propio cuerpo, la corporeidad y la percepción primaria, como forma de entender el paisaje en un sentido existencial. Recurre al aquí y ahora del sujeto, fundamental para desenterrar el paisaje, entre memoriales afectivos, experiencias y vivencias en lo visible-invisible de la totalidad espacial.

Palabras clave: Paisaje, Fenomenología, Situación, Percepción, Cotidianidad.

¹ Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/DCH-Campus V, Santo Antônio de Jesus-BA). Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia/Linha I – Análise Urbana e Regional (POSGEO), Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista CAPES e membro do Grupo de Pesquisa Espaço Livre de Pesquisa-Ação/UFBA. E-mail: igorjesus@ufba.br.



REVOADA I

A revoada dos pássaros é algo fascinante, tenho observado o quão interessante são suas idas e vindas. O balé cotidiano das asas nos sobrevoos, junto ao vento, pulsam destinos e caminhos. O sangue corrente das aves, anunciam destino de quem sabe onde quer e precisa chegar, sem nunca perder o seu ponto de partida. Os comuns e múltiplos pardais², dilaceram o dia a dia do espaço urbano e rural, ensinando-nos sobre a novidade do alimento, o sentir, a morada e a resiliência.

Assim são as paisagens, implicam aberturas, sentidos, percepções e experiências. Um sentido de amálgama que desloca a reflexão das revoadas, construindo percepções outras de sentir e viver a cotidianidade. Revoada, é orientação para quem aprende ao observar o voar dos pássaros, partindo de situações vividas no exercício do movimento de reflexão teórico-metodológica.

Revoada assume aqui o ponto de partida, na licença poética, o sentido de desenvolver a introspecção fenomenológica, a qual é necessário assumir a suspensão dos *a priori* e ir ao encontro das paisagens em descrição observacional, em situacionalidade do sujeito-corpo-pesquisador. O ato de introspecção é fazer surgir à consciência as relações vividas e experienciadas, desenterrando do íntimo, relações que também são intersubjetivas, que de modo relacional é dada pela consciência daquilo que nos circunda, assumindo o movimento, a plasticidade e os devaneios interiores-exteriores.

Nesse âmbito, a narrativa anunciada surge como produto da disciplina Fenomenologia(s)³ da Paisagem, ofertada no Programa de Pós-graduação em Geografia (POSGEO/UFBA), ministrada pelo Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa. Na disciplina supracitada, as discussões diante Fenomenologia e Geografia, colocava em movimento e direcionamento propositivo com as epistemologias fenomenológicas, a assertiva necessidade de (re)pensar em inter-relações, a abordagem do conceito e/ou categoria de análise paisagem.

Os geógrafos humanistas da ala fenomenológica, desde os anos 70 e 80 – mais precisamente nos anos 50 com os escritos de Eric Dardel (2011), acerca da relação primária e visceral do ser-humano ligado a Terra – vêm colocando as aspirações dos filósofos

² Os pardais nome comumente associado são também conhecidos como *Passer*, passaros da família *Passeridae*, simples e com bicos grossos para comer sementes, em sua maioria de cor cinza ou marrom.

³ O termo fenomenologias no plural assume aqui o mesmo sentido trabalhado no livro *Por Uma Geografia dos Espaços Vividos* (SERPA, 2019), procurando assumir os pontos que une esses autores e suas especificidades na filosofia das essências. A disciplina foi ofertada no semestre 2021.1, em modalidade remota pela pandemia viral causado pelo vírus da Covid-19.



fenomenólogos no revelar da essência da experiência vivida, sobretudo, na relação ontológica e espacial para análise dos conceitos e categorias geográficas.

Nesse sentido, o esforço da disciplina que reflete a partir de Edmund Husserl, Merleau-Ponty, Gaston Bachelard, Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger, passando por geógrafos (as), arquitetos (as), dentre outros, para pensar o conceito ou categoria de paisagem, é bastante fecunda e propositiva para os estudos da ciência espacial na atualidade, uma vez que as fenomenologias cumprem em sua máxima, (des)fazer consensos para reconstruir em bases puras outros direcionamentos.

Estruturada em sessões, a disciplina implicava, primeiramente, em leituras e discussões para construção do arsenal dos pensamentos dos (as) autores (as), realizando o movimento de alcance e compreensão. Após esse estabelecimento – e, ao mesmo tempo, de modo paralelo – desdobrou-se a sessão seguinte, na qual se deu a realização do esforço de um exercício fenomenológico em situação, perfazendo a descrição da mesma paisagem em diferentes concepções.

Nessa eloquência narrativa, pretendo aqui discutir como a abordagem fenomenológica contribui para construir novas bases teórico-metodológicas na análise do conceito e/ou categoria paisagem. Assim, busco apresentar alguns direcionamentos das experiências e vivências no exercício de análise da paisagem *à la Fenomenologia da Percepção* em Merleau-Ponty (2006), além de refletir sobre as paisagens enquanto modos geográficos de existência.

A escolha da paisagem veio ao encontro da cotidianidade enquanto um sujeito-corpo-pesquisador em situação, pois, percebidas ou não, as paisagens cotidianas são onde produzimos e reproduzimos as nossas relações de existenciais. Assim, muito inspirado em *Uma Geografia que se pratica no dia-a-dia* (SERPA, 2020), escolhi a rua, praça da matriz da pequena cidade de Conceição do Almeida, no interior do estado da Bahia, especificamente no Recôncavo baiano enquanto paisagem a ser descrita.

Aqui é onde estou posicionado no mundo, com todos os atravessamentos e sentimentos que me torna existente, e certamente, por ser afetado, tenho percepções outras em coexistências de sentidos, consciente das intencionalidades, entre o aparecer do visível e invisível, cristalizações de temporalidades passadas no presente vivido que, a constitui, me constituindo, e constituindo a realização da sociedade. É com essa narrativa que a seguir desdobra o contexto da temática.

INTROSPECÇÃO FENOMENOLÓGICA



Estou em mim! Quero enredar-me nos meus pensamentos, no mais intimido de mim. Experiências, histórias e vivências, falam... De que elas falam? Talvez de mim, talvez de outros. Elas apenas falam, tecem e, fazem brotar do mais íntimo particular os sentidos da vida. E, se me perguntarem por que escrevo essas frases soltas e confusas, não saberei responder, mas, ainda vou descobrir! Talvez porque meus pensamentos e experiências mostram, como os pardais em revoadas, o sentido fenomenológico das minhas relações com os outros, extensivamente, a todos os outros. De essências que se toca, se tocando e sendo tocadas... Intercursos de experiências que desloca aberturas, configurações e percepções em narrativas de paisagens, de um corpo-paisagem (Foto I).

Foto I – Corpo-paisagem



Fonte: SANTOS, I, J. Arquivo pessoal, 2021.

Corpo-paisagem! Você viu, sentiu? Enrede-se em mim... Costumeiramente todas as manhãs realizo caminhadas, essa atividade física me proporciona prazer, vitalidade, disposição e movimento. Esse desejo fugaz e intransitivo de percorrer pelas ruas, já que não há lugares apropriados para essa atividade na cidade – fator não só de uma pequena cidade interiorana, mas de muitas outras desse imenso país – desperta-me do sono naturalmente todos os dias às cinco horas da manhã. Após um banho frio, coloco a roupa, calço os tênis, vou a cozinha, como



rapidamente uma fruta e tomo um pouco de café. Alongo o corpo, com movimentos bruscos e leves, e sigo então, lentamente a caminhar...

As ruas por onde passo, estão vazias, geladas e repulsivas, afinal é inverno, e estamos na pandemia viral... Há muita neblina! Essas partículas frias pelo ar molham meu corpo, o asfalto e os telhados. Vagas e vogo por elas no silêncio da manhã, no trânsito acompanhado de seres visíveis-invisíveis. E então, em algumas horas, chego à praça da matriz, de longe avisto a igreja, essa imponente cristalização arquitetônica, civilizatória e colonial. Sigo ao encontro dela, e logo ouço o barulho bucólico do cotidiano...

O cantar dos pardais que vivem por ali, bem como dos corpos que se comunicam com expressões, gestões e oralidade adverte o cotidiano, já que hoje é sábado, e apesar da pandemia – imaginário que construía visando viver uma atmosfera do silêncio e vazio - a rua está um aflorar de acontecimentos, e a minha percepção originária, do aqui e agora, mostra completamente o contrário do trilhado no percurso. Sentei-me no banco da praça, passei a contemplar-me, a contemplar o corpo-paisagem...

O meu olhar, visando-vendo, alcança algumas cristalizações além da igreja, como o coreto. Percebo as lixeiras que, por sinal nojentas e quebradas, automóveis, estacionados e outros no vaivém da rotina cotidiana. Vejo as casas comerciais de diferentes funcionalidades, como supermercados, lojas de calçados, roupas e artigos de variedades, farmácias, padarias, bares, lanchonetes, algumas residências e animais em situação de rua. Essas marquises opacas, no entanto, coloridas, me despertam logo o sentido de seletividade e consumo que estou submetido... Uma estrutura capital, ética, moral e colonial na conduta dos corpos, confortando-me a tristeza dos atravessamentos de opressões que sofrem esses sujeitos e que meu corpo lampeja.

Mas, não só tristeza aguarda as minhas memórias, também nessa praça reencontrei-me na infância, no sentido do cotidiano conhecido-reconhecido. A igreja badala o sino... Vejo árvores e alguns pássaros. Esses seres, ora barulhentos no cantar do alimento... Ora calmo, verdes, altos e silenciosos, à vista, balançam com o vento, e ali responde a vivacidade, frescor e perfume de eucalipto no sentir do corpo-paisagem. Limpidez e suavidade é o aroma que exala... Uma mistura de aromas que confluem das árvores aromáticas dos eucaliptos com o incenso eucarístico da igreja.

Imerso na busca das interações dos corpos com a paisagem, se revelam meus semelhantes, aliás, ela já acontece, inclusive comigo, estar em mim. Esses corpos-sujeitos constituem a paisagem com barreiras simbólicas bem definidas, a exemplo dos sujeitos do



espaço rural que, logo me lembra a história dessa cidade... Uma cidade de gente simples, de tomar bênção e, samba no pé... Ruas de Marias, Rosas, Beneditas, Franciscos, Joãos e Josés.

Em ação e alienação, alguns estão em suas atividades laborais, trabalhando no funcionamento do comércio e serviços, outros no passe transitivo a consumir e sanar suas necessidades... Jovens, adultos e crianças de diferentes classes sociais... Os pré-adolescentes me chamam atenção, por estarem com carrinho de mão⁴ fazendo carretos, outros por performar a comunicabilidade corporal a vender suas rifas⁵. São meus alunos e, penso na minha história de vida, e que futuro lhes cabem? Não sei! O meu caminho tem sido da educação, talvez o de muitos não sejam, por negligência, sentido ou escolha, mas, é um fato inegável, a falta de perspectiva desses jovens. Eu sonho! E o que seria de mim sem meus sonhos e desejos de realização... Com quem eles sonham? Não sei! O fato é que eles clamam pelo imediatismo, tem fome e precisam, aqui e agora, comer. Há ainda aquelas e aqueles que se territorializam nas reuniões libertas de pontas de esquinas ou bares, nas conversas corriqueiras sobre jogos de futebol e política.

Me desligo do puramente ver, e imediatamente os meus sentidos revela-me outro sentir. O cheiro aromático do incenso que exala pelo ar, logo, me vem as lembranças de criança na qual participava das celebrações religiosas e festas populares. As descargas dos automóveis, as conversas situacionais do cotidiano, as músicas de gostos e estilos diferentes... Os latidos dos cachorros, miados dos gatos que, miseravelmente em situação de rua vivem a habitar essa praça, o cheiro dos cavalos e jumentos de cargas. Ah, esses animais... Vejo no jumento o cansaço, mas, é o único modo que aquele corpo encontrou como forma de deslocamento para resistir as situações miseráveis da vida. Sinto o cheiro do pão assando no forno a lenha... O gosto do café expresso sendo torrado, e logo vêm o desejo de beber... O suor do meu corpo no sol quente que faz, já que algumas horas se passaram e o inverno no recôncavo, zona da mata, não parece fazer tanto sentido. O perfume ora agradável, ora desagradável dos corpos-sujeitos que aqui passam, dos papelões e lixos que são deixados na rua, ainda que muito impossibilitado pelo uso das máscaras.

⁴ Carrinho de mão ou carriola é um tombador pequeno movido a energia humana usado para transportar pesos ou geralmente terra ou areia em construções. Nas feiras dos Nordeste, do interior da Bahia, esse equipamento assume o meio de transporte dos produtos comprados pelos feirantes, numa relação de conhecido-reconhecido.

⁵ Rifa é um método tradicional de jogo de apostas onde o organizador da campanha de arrecadação oferece um brinde para ser sorteado entre os apoiadores em retribuição ao apoio recebido. Geralmente, essas rifas são individualizadas, realizada por mulheres, na sua grande maioria as mães chefes de família como uma estratégia de sobrevivência.



O céu está azul, com muitas nuvens e sol vibrantemente quente... Que sede! Meu paladar fica seco, então, dirigi-me para comprar um caldo de cana que, sensação de frescor. Caldo de cana lembra os finais de semanas alegres, sempre aos domingos pela manhã que ia a missa com minha avó... Encontro uns colegas, sigo conversando a caminho de casa...

Embriguei-me de poesia e fiz deste ato uma narrativa da minha experiência no aqui e agora em percepção originária. Assim, poderia continuar tecendo os fios e elementos constitutivos na narrativa da paisagem. Uma paisagem que, não é outra coisa, se não meu corpo-paisagem, eivada por minha trajetória de vida e, da trajetória de vida de outros tantos corpos-sujeitos de gentílico almeidenses que, por aqui habitam, experienciam e percebem esses sentidos de paisagem. Experiência é confluência de ideias, como a introspecção fenomenológica.

PERCEPÇÃO E CORPOREIDADE

O que revela o pensar do filósofo Maurice Merleau-Ponty para compreensão da narrativa antes anunciada? Compreendo, então, que se as paisagens são o congelar da história em objetos e as funções que o anima, sendo possível porque há no fundo uma relação de realização da existência do ser, uma geograficidade (DARDEL, 2011) original e visceral do estar-no-mundo, o sentido perceptivo é construtor de significados e significações.

Assim, as paisagens são o (des)enterrar do corpo-sujeito, do meu corpo com o corpo do outro em intersubjetividades. Isso soa como amálgama ou quiasma no sentido das essências fenomenológicas colocadas por Merleau-Ponty (2006), na qual a consciência só é possível pela intencionalidade concreta do corpo. Discípulo dos pensamentos de Edmund Husserl, o filósofo francês, Maurice Merleau-Ponty, desenvolve ao retroalimentar o pensamento fenomenológico, a crítica ao mundo moderno no modo como a filosofia e ciência pensava a relação subjetividade-objetividade.

Segundo a professora Terezinha Petrucia da Nóbrega (2016), estudiosa do pensamento do filósofo no Brasil, enveredada por uma análise na Educação Física, no sentido dos desígnios do exercício corporal, a fenomenologia perceptiva constitui-se como:

O estudo das essências é a definição mesma da fenomenologia e a origem segundo Merleau-Ponty de todos os seus problemas e quem sabe até mesmo de sua impossibilidade e de seu fracasso. No entanto, é preciso considerar que as essências não constituem o fim da fenomenologia, mas o meio para se chegar a uma teoria da verdade, tal qual a pensou Husserl a partir da consideração da filosofia como uma ciência eidética, ou seja, voltada às



formas e às essências. Mas, ao mesmo tempo, a fenomenologia caracteriza-se como um relato do espaço, do tempo e do mundo vivido, configurando-se como campo da experiência e da facticidade do ser o mundo [...] (NÓBREGA, 2016, p. 28).

Evidenciado que o pensar filosófico e científico, por hora deteve-se a pensar, dicotomizando, a relação sujeito-objeto, homem-natureza, alma-corpo, consciência-mundo, Maurice Merleau-Ponty problematizou esses pares enfatizando que se o corpo “pode simbolizar a existência, é porque ele a realiza e é sua atualidade” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 227), sendo os nossos sentidos responsáveis por construir percepções do que nos rodeia, dando-nos conta da própria experiência e existência.

Na esteira da *Fenomenologia da Percepção* (MERLEAU-PONTY, 2006), obra de empreendimento doutoral do filósofo, os devires intersubjetivos – para quem forma-conteúdo e sujeito-objeto – são unos, cujo corpo-mente constituem uma relação de unidade que é primordial para compreensão do mundo, já que a percepção do vivido é originária e antecede qualquer associação, sensação, atenção, juízo e memória. Segundo ele, essência e experiência trazem consigo a intencionalidade da consciência, e isso, direciona o contato entre o corpo-mundo e corpo-corpo constituídos a luz experiência, uma interioridade revelada que vibra realizando-se na intersubjetividade.

Nessa perspectiva, experienciar é viver, e só sob essa condição “a verdade não habita apenas o homem interior, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 6. grifo do autor), com experiências vivas em atitudes e preferências. É desse modo que comenta a percepção no sentido presentificado da reflexão, pois “[...] no momento em que sinto minha esquerda com a direita, correspondentemente paro de tocar minha mão direita com a esquerda. [...] a percepção não nasce em qualquer lugar, mas emerge no recesso de um corpo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 20-21. grifo nosso).

Em *Conversas – 1948* (MERLEAU-PONTY, 2004) escritura que reúne sete conferências do filósofo, a tônica da elucubração merleau-pontiana configura-se no desnudar para esse mundo que, salta os nossos olhos e sentidos ignorados pela racionalidade ou inteligibilidade, tal qual é “[...] essa ideia de que o homem não é um espírito e um corpo, mas um espírito com um corpo, que só alcança a verdade das coisas porque seu corpo está como que cravado nelas” (MERLEAU-PONTY, 2004. P. 17-18. grifo nosso). Então, vou compreendendo com Merleau-Ponty que à experiência do mundo precede a própria existência, e que perceber



ou imaginar corresponde unicamente a pensar, no sentido de uma correlação entre o enveredamento do mundo e respostas sensitivas que suscita.

Nessa atitude fenomenológica, vislumbra-se em *O visível e o invisível* (MERLEAU-PONTY, 2014), que a fé perceptiva centra-se no sujeito em um mundo mister e está para além dele mesmo, pois, o ver e o sentir circunscrevem que, percebemos a própria coisa, já que a coisa nada mais é do que aquilo que vemos, não, porém, pelo poder oculto de nossos olhos: eles não são mais sujeitos da visão, passaram para o número das coisas vistas, e o que chamamos visão faz parte da potência de pensar que atesta que esta aparência respondeu, segundo uma regra, aos movimentos dos olhos (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 39).

Desse modo, configura-me o pensamento do autor o sentido da transposição do sujeito encardido em facticidade ao sujeito transcendental, já que o mundo é o que é, e o que vejo, uma unidade sem divisão porque é o que percebemos aqui e agora. Para tanto, um corpo humano está aí quando, entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um olho e outro, entre a mão e a mão se produz uma espécie de recruzamento, quando se acende a faísca do senciente-sensível, quando se inflama o que não cessará de queimar, até que um acidente do corpo desfaça o que nenhum acidente teria bastado para fazer... (MERLEAU-PONTY, 2014a, p. 5).

Desta feita, na paisagem do visível revela-me o invisível como constituinte do ver bem da coisa apreendido pela experiência do sujeito que o habita e sempre habitou. Isso demonstra que cada percepção é possível de ser mutável e provável, coexistente a partir do ponto de vista que experienciou, isto é, a unidade e possibilidade de manifestá-lo na condição do mundo, do mesmo mundo que desautoriza e reestabelece o pensamento das coisas.

Assim como Merleau-Ponty (2014), entendo que o espírito é o que pensa e o mundo é o que é pensado, e nesse intercurso, longe de descobrir a passagem de um para o outro, estou pleno no outrem, portanto, em algum lugar atrás desses olhos, atrás desses gestos, ou melhor, diante deles, ou ainda em torno deles, vindo de não sei que fundo falso do espaço, outro mundo privado transparece através do tecido do meu, e por um momento é nele que vivo, sou apenas aquele que responde à interpelação que me é feita (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 22).

Tomando posse dessa ideia, primo por o mundo privado que já não é mais meu, e este outrem entra em mim como substância, todo feito de mim mesmo, pois, suas cores, sua dor, seu mundo, precisamente enquanto seus, como os conceberia eu se não a partir das cores que vejo, das dores que tive, do mundo que vivo? Dimensão de uma vida generalizada que se enxertou na minha (MERLEAU-PONTY, 2014, 22).

E, desta maneira pergunta-se, onde reside a verdade? A está interrogação apenas sustento-me no filósofo, para quem o mundo sensível é visível e inteiramente mais antigo que



universo do pensamento, e assim, longe de enclausurar ou esgotar o pensamento do autor, a narrativa perseguiu aquilo que realmente nos importa, o revelar do ser-estar-no-mundo.

SENTIDO DE PAISAGEM

Apontar direcionamentos e movimentos para os estudos das paisagens na atualidade significa para Serpa (2019, p. 59) que, “[...] façamos, de um lado, perguntas ao tempo e, por outro lado, perguntas aos objetos [...] buscando sempre a construção síntese sujeito-objeto [...]”, já que forma-conteúdo estão um para o outro uno. Nesse sentido, compreender as paisagens perpassa ao movimento de uma crítica dialético-fenomenológica, na medida em que não se excluem em ato, tão pouco em reflexão teórica.

Assumir a historicidade como realização dos devires sociais no fragmento do espaço-tempo, e, abstrai-la intencionalmente para compreender sua essência é fundamental. Assim, enquanto método o espaço geográfico é produção e reprodução da sociedade e possibilita construir considerações outras, no movimento de (re)pensar o seu funcionamento e explicação. Para tanto, “não há possibilidade de construção de uma crítica da paisagem contemporânea, sem uma crítica consistente do espaço e o todo estrutural” (SERPA, 2019, p. 53), pois, se as paisagens enquanto categoria ou conceito geográfico indicam formas e funções datadas no visível, o invisível se releva no potencial híbrido que é o espaço.

Lembro rapidamente que, “a paisagem pode ser, no máximo, um todo de representação. Mas ela não é a representação do todo. A paisagem é, por definição, fragmentária. [...] um fragmento tanto na sua percepção, quanto na sua realidade” (SANTOS, 1996, p. 35). Desta forma, para Santos (1996) o espaço se realiza como um conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações, é a totalidade verdadeira para Geografia, ou seja, é vivo, se quer capaz de atualização em devires sociais, culturais e políticos, um potencial em constante transformação.

As paisagens, conseqüentemente são constituídas de ações, que se quer funcional e morta. É sempre o congelar da história, que se faz viva como produto em novas ações das já antigas cristalizações, portanto, acompanha o movimento do espaço, mas não se quer capaz de realizar em totalização. Dito de outra maneira, as paisagens são ações acumulativas do tempo no espaço, um devir de atividades compositivas e datadas.

Assim, as paisagens são estruturas de constituição de objetos com qualidades naturais e técnicas, mas também sociais e políticas, portanto, uma realização humana. Corrobora Milton Santos (2006) que as paisagens se materializam por uma “noção de intencionalidade [...]”



igualmente eficaz na contemplação do processo de produção e de produção das coisas, considerados como um resultado da relação entre o homem e o mundo, entre o homem e o seu entorno (SANTOS, 2006, p. 58).

Para tanto, o sentido de paisagens designa um sistema transtemporal, na qual as multiplicidades dos devires históricos materializam sempre em relação com o todo, sendo assim:

as qualidades adjetivas, ou funcionais, da paisagem são supracitadas, subordinadas às qualidades sistêmicas de uma dada sociedade. [...] os objetos surgem com uma vocação a realizar uma certa função. Mas, eles não têm neles mesmos a força para realização dessa função porque diante deles, objetos, a sociedade pode alterar, qualitativamente, o papel dele, objeto (SANTOS, 1996, p. 39).

Segundo o autor, o sentido das paisagens segue processos sob a realização do espaço, coordenado pelo potencial de transformação que é a sociedade, portanto, as qualidades funcionais dos objetos implicam uma ação, um valor de utilidade que pode mudar ao longo do tempo, e isso só é possível porque as paisagens compõem acumulação datadas do tempo em fragmentos ou multiplicidades da totalidade.

Diante de tal perspectiva, Claval (2004) entende em *A Paisagem dos Geógrafos* que é preciso e convém multiplicar os pontos de vistas, no esforço de percorrer e descrever ângulos. Para ele, o mundo que o indivíduo percebe jamais é objetivamente dado. É preciso fazer um esforço para retornar às sensações e descobrir aquilo que nossa educação nos ensinou; então, e só então, é possível, através de uma descrição crítica e minuciosa das sensações, compreender as coisas como elas são e penetrar na sua verdadeira natureza. Não é este um convite para se refletir a respeito do olhar sobre o real que os geógrafos sustentam há duas gerações? Não é este o momento de lembrar que a paisagem é criada pelo observador e que ela depende do ponto de vista que ele escolheu e do enquadramento que lhe dá? A liberdade que tem os geógrafos de se deslocar para multiplicar os ângulos não elimina essa dimensão subjetiva (CLAVAL, 2004, p. 48).

Assim, as paisagens podem ser consideradas como sistema de signos, e por isso, os sujeitos vivem e representam de modos diferentes, já que para compreender a natureza relacional do mundo precisamos “completa-lo” com muito do que é invisível para ler os subtextos que estão por baixo do texto visível. O significado desses textos e subtextos muda com o tempo e com a mudança de perspectiva do intérprete (DUCAN, 2004, p. 100. grifo do autor).



Então, as paisagens é um *a priori* que partir para conhecer no imediato do devir social e político. É o inesperado da existência. É o momento que a relação surge com o objeto, uma condição pré-reflexiva de como nossos corpos primeiramente são circundados ao constituir o espaço, se constituindo. Essas considerações, sintoniza que a constituição do espaço geográfico e da paisagem a partir de modos geográficos de existência, são elos primários de geograficidade que, “mostram uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva” (DARDEL, 2011, p. 1-2).

Nesse âmbito, continuo com Dardel (2011) compreendendo que as paisagens tornam as relações existenciais do ser ligado a Terra como essência única de sua realização. Isso implica uma verdade, que em sentido filosófico é puramente geográfico, pois, [...] a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma "impressão", que une todos os elementos. [...] A paisagem é um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso. [...] A Geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo (DARDEL, 2011, p. 30-31. grifo do autor).

Isso perfaz o desejo de consideramos a conceito e a categoria de análise paisagem como ela é vivida e sentida em situação, não apenas um objeto visual e estético, mas tecida em modos geográficos de existência, pois:

[...] é conhecida através do uso e responde em termos de sua utilidade e, desta perspectiva, a matéria e as formas tendem a retrair-se para posição secundária. Como implemento, as paisagens possuem significado porque "implicam a totalidade da existência humana e sua ligação com a terra... a terra é o sítio, a base e os meios das suas realizações. Utilidade, então, significa muito mais que valor de troca ou recurso potencial, e inclui tudo o que tem a ver com manutenção das nossas vidas diárias, e com tudo o que tem significância para nós, porque estamos diretamente envolvidos com ela (RELPH, 1979, p. 15).

Sob essa condição a paisagem é uma abertura ontológica espacial, vivida, plástica e mutável, uma aparência que transcende ao todo, assim como são, os “modos geográficos de existências” (MARANDOLA, JR. 2012, p. 90), dinamiza ao longo do tempo os sentidos mais profundos, o fazer brotar dos sentidos e afetos a luz da existência, porque estamos em relação aos objetos, aos sujeitos, a nós mesmo, como estar-com e estar-entre espaço temporalizado. Para tanto, na perspectiva fenomenológica de modo ético e prático, pensar as experiências,



percepções, emoções e sentidos, é abertura para revelar a sociedade nas relações intersubjetivas em intencionalidades como construtoras do mundo.

REVOADA II

Volto então a questão da revoada, para quem nos ensina sobre resiliência. Ir ou ficar – penso eu e nada de acordo com a visão da ciência positiva e cartesiana posso afirmar, tudo que estou escrevendo é com base unicamente na minha vivência – significa para os pardais sempre mudanças e transformações, capacidade de se adaptar as adversidades. A novidade do alimento que seu canto anuncia, é a relevância desse trabalho e da Fenomenologia como filosofia, ciência, prática e conduta de vida.

Assertiva levantada buscou responder a interrogativa de como a abordagem fenomenológica pode construir novas bases teórico-metodológicas para análise da paisagem, e para isso, dirige-me ao encontro da descrição da paisagem utilizando da introspecção sem exorcizá-la, na clareza do sentido do exercício ontológico. Lançando-me nas vivências da paisagem com a ciência das essências, enquanto sujeito-corpo-pesquisador, participo ativamente da pesquisa, me colocando como um sujeito-corpo que se mostra na imediação originária dos fios que liga o homem a Terra.

Dizer isto, ainda hoje é muito complicado, mesmo depois da virada espacial – com o pioneirismo dos escritos de Dardel, Tuan, Relph, Werther Holzer, tantos outros e outras da Geografia Humanista, se assim posso-o nomeá-los – para os que seguem os rigorosos manuais de metodologia, porque requer desconstruir consensos, e nem todos estão dispostos a isso, porém, ver bem a paisagem nos moldes da fenomenologia, evidência outros tantos modos de fazer ciência, desconstruindo para (re)construir em bases puras o próprio movimento revelador do ser-no-mundo.

É, nesse sentido que, perspectiva fenomenológica de modo ético e prático, pensa as experiências, percepções, emoções e sentidos, colocando o ser humano – sociedade – nas relações subjetivas e intersubjetivas como construtoras do mundo, e por isso, que desde sua origem a Geografia buscava descrever os lugares, paisagens e regiões, embora isso nunca tenha ficado evidente (RELPH, 2014, p. 19). Essa assertiva requer implicações, já que aciona o sentido de pensar: o que diferencia os conceitos e categorias de lugar, território, paisagem e região como modos geográficos de existências?

Longe de esgotá-la, mesmo porque essa pergunta não se resolve aqui, e talvez nunca se tenha uma resposta única a ela, pois, a coisa é aquilo percebo e toda percepção é verdadeira



para alguém, o caminho aberto por essa narrativa é por ora de pura fruição, ora de questionamentos, ora de reflexões acerca de nossa atitude no mundo. É uma abertura de compreensão existencial. Eis aqui o destino dos pardais em revoadas, que esses tantos de palavras soltas alcem vôos e contagem o ser humano engajado no mundo.

REFERÊNCIAS

CLAVAL, Paul. **A Paisagem dos Geógrafos**. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. (Org.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: Natureza da realidade Geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUNCAN, James. **A Paisagem como Sistema de Criação de Signos**. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. (Org.). Paisagens, Textos e Identidades. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

MARANDOLA, JR. **Heidegger e o Pensamento Fenomenológico em Geografia: Sobre os Modos Geográficos de Existência**. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2014a.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidades: Inspirações Merleau-pontianas**. (ebook). Natal: IFRN, 2016.

RELPH, Edward. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. Geografia, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

RELPH, Edward. **Reflexão Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar**. In: In: Marandola Jr., E.; Holzer, W.; Oliveira, L. de (Org.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014.

SANTOS Milton. **Da Paisagem ao Espaço: uma Discussão**. Anais do II ENEPEA. São Paulo: Universidade São Marcos/ FAUUSP, 1996.

SANTOS Milton. **O Espaço Geográfico, um Híbrido**. A Natureza do Espaço. 4. ed. 2. São Paulo: EDUSP, 2006.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA

5ª EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

SERPA, Angelo. **Uma Geografia que se pratica no dia-a-dia**. Geosaberes, Fortaleza, v.11, 2020.